

Contribuição de Margarete Emmerich para a botânica brasileira

¹Odara Horto BOSCOLO, ²Luci de SENNA-VALLE, ³Joyce Alves ROCHA

¹Universidade Federal Fluminense, Departamento de Biologia Geral, Setor de Botânica, Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica (LABOTEE, Rio de Janeiro, Brasil e-mail: odaraboscolo@hotmail.com); ²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Botânica, Laboratório de Taxonomia e Etnobotânica do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil; ³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro Campus Paracambi, Paracambi, Brasil.

Submitted: 06/06/2017; Accepted: 20/01/2018

Em 25 de setembro de 1933, nasce em Viçosa, Minas Gerais, Margarete Emmerich. E se despede da comunidade botânica no dia 26 de fevereiro de 2015 no Rio de Janeiro.

Nesses 82 anos, teve grande importância na botânica brasileira, atuando nos campos da taxonomia, sendo especialista na família Euphorbiaceae, e umas das pioneiras na etnobotânica. Graduiu-se bacharel em 26 de dezembro de 1958, em História Natural, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. E obteve sua licenciatura pela mesma instituição em 05 de janeiro de 1980. Pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo conquistou seu mestrado em Botânica em 1971 e doutorado em 1973.

Começou seu percurso botânico estagiando na Divisão de Botânica do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1956-1957). Participou de seis cursos de especialização, dentre eles o de Botânica Sistemática e o Complementar de Fitogeografia no Museu Nacional, em 1959 e 1961 respectivamente, ministrados pelo Professor Alberto Castellanos.

Dentre suas atividades acadêmicas, foi professora no Curso de Graduação no Instituto de Biologia da UFRJ desde 1972 e na Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica) do Museu Nacional/UFRJ sendo Coordenadora deste curso entre 1974-1983 e 1990-1995. Foi agraciada pelos docentes do referido curso com uma placa em sua homenagem ao deixar a coordenação em 1996. No Departamento de Botânica do Museu Nacional foi designada professora Titular em 1987 e Livre Docente em 1988.

Foi figura muito importante na implantação do doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica) do Museu Nacional/UFRJ. Em 2013 recebeu das mãos da então diretora desta instituição, Cláudia Ferreira, uma placa em distinção a sua dedicação a este Museu (SENNA-VALLE, 2015).

Participou como membro de 32 diferentes comissões (1988, 1989, 1995), de 15 consultorias, fez pesquisa em vários Herbários internacionais (1979, 1985, 1987, 1995, 1995, 1997). Participou de 23 excursões para coleta de material botânico em vários estados brasileiros e esteve em 64 congressos, reuniões científicas, encontros regionais, jornadas e seminários. Dentre as Bolsas obtidas, destacam-se a da Comissão Nacional de Energia Nuclear (1969), Bolsa do Governo Alemão (1970) e Bolsa de Pesquisadora do CNPq (1977-1998). Orientou 30 estagiários e bolsistas e 22 mestrandos, dentre estes, destaca-se no campo da etnobotânica as dissertações de Lídice Mayer (1996), "*Aspectos etnobotânicos numa área rural, São João da Cristina-MG*" e de Mary Margaret Staucup (2000) "*Plantas de uso medicinal ou ritual, numa feira livre no Rio de Janeiro, Brasil*". Fez parte como titular da banca em 58



Figura 1: Margarete Emmerich (2003)

dissertações de mestrado e seis de doutorado. Foi curadora do Herbário do Museu Nacional/UFRJ (R), Diretora do Herbário Bradeanum (HB) e editora da Revista Bradea. Margarete Emmerich foi ainda homenageada com muitos epítetos em seu nome, ganhou prêmios e condecorações significativas à Botânica brasileira.

A atuação profissional e o interesse desta professora chegou à Etnobotânica em 1972, quando foi pela primeira vez ao Parque Indígena do Xingu, e estabeleceu contato com os Yawalapiti. Assim, teve início uma série de publicações produzidas a partir dos registros acerca da interação deste povo com a natureza ao redor.

O primeiro trabalho desta vivência foi publicado no Boletim do Museu Nacional, “*Estudos de Etnobotânica no Parque Indígena do Xingu, uma Periandra (Leguminosae) nova*” (Emmerich e Senna-Valle, 1980). Na sequência vieram publicados na revista Bradea: “*Dois componentes essenciais do ritual de pajelância: o cigarro e a semente de pajé*” (Emmerich e Senna-Valle, 1985); “*Kuarupe: árvore do sol*” (Emmerich et al., 1987); “*O uluri*” (Emmerich e Senna-Valle, 1988); “*A planta do sal*” (Emmerich e Senna-Valle, 1989); “*Os fortificantes*” (Emmerich e Senna-Valle, 1990); “*Plantas abortivas, anticoncepcionais, conceptivas e sexo determinantes*” (Emmerich e Senna-Valle, 1991); “*Plantas tintoriais e fixadoras*” (Emmerich et al., 1992) e “*Urucu (Bixa orellana L.) no Alto Xingu*” (Emmerich et al., 1993).

Foco dos principais estudos da professora Margarete Emmerich na área de Etnobotânica, a etnia Yawalapiti habita a porção sul do Parque Indígena do Xingu, ou mais conhecido como Alto Xingu. Em uma trajetória de resistência, em 1948, havia apenas 28 membros desta etnia, e nos anos seguintes, novas epidemias quase os levaram à extinção. Mediante à complexas negociações políticas, a solução encontrada pelos indigenistas irmãos Villas-Boas foi uni-los em uma única aldeia e realizar casamentos com outros povos do Xingu. Na criação do Parque, houve um duplo propósito, a proteção ambiental e das populações indígenas, tanto do ponto de vista material quanto imaterial e cosmológico.

A Etnobotânica, além de representar um significativo registro histórico-científico, tem o papel de indicar elementos para aproximar o conhecimento científico do saber tradicional, com o objetivo de evitar e amenizar danos, criar alternativas e direcionar soluções para o bem coletivo, além de tratar-se de estratégia que podem ser melhor utilizada na formulação de políticas ambientais. Então, em sua essência, a realização de pesquisas Etnobotânicas, nessa região, ofereceram subsídios ao cumprimento dos objetivos de criação do Parque Indígena do Xingu. Desta forma, a contribuição dos estudos pioneiros da Professora Margarete no Parque foi de grande relevância, marcando uma geração botânicos e influenciando novos pesquisadores a se interessarem pelo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de Etnobotânica no Parque Indígena do Xingu, uma *Periandra* (Leguminosae) nova. Boletim do Museu Nacional, Nova Série Botânica, Rio de Janeiro, v. 57, p. 1-3, 1980.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de etnobotânica no parque indígena do Xingu II- Dois componentes essenciais do Ritual de Pajelância: O cigarro e a semente de Pajé. Bradea, Rio de Janeiro, v. 4, n. 26, p. 170-175, 1985.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de Etnobotânica no parque indígena do Xingu III- O Kuarupe-Árvore do sol. Bradea, v.4, n. 49, p. 338-341, 1987.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de etnobotânica no parque indígena do Xingu IV- O uluri. Bradea, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 50-54, 1988.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de Etnobotânica no parque indígena do Xingu V - A planta do sal. Bradea, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 257-260, 1989.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de etnobotânica no parque indígena do Xingu VI- Os fortificantes. Bradea, Rio de Janeiro, v. 5, n. 37, p. 364-375, 1990.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L. Estudos de Etnobotânica no parque indígena do Xingu VII- Plantas abortivas, anti-concepcionais, conceptivas e sexo determinantes. Bradea, Rio de Janeiro, v. 6, n.2, p.13-20,1991.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L.; EMERICH, C. Estudos de Etnobotânica no parque indígena do Xingu VIII- Plantas tintoriais e fixadoras. Bradea, Rio de Janeiro, v. 6, n.17, p. 147-152,1992.
- EMERICH, M.; SENNA-VALLE, L.; EMERICH, C. Estudos de Etnobotânica no parque indígena do Xingu IX- Urucu (*Bixa orellana* L.) no Alto Xingu. Bradea, Rio de Janeiro, v. 6, n.26, p. 232-236,1993.
- MAYER, L. Aspectos etnobotânicos numa área rural, São João da Cristina-MG. 1996. 187 f. Dissertação (Mestrado em Botânica)- Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.
- SENNA-VALLE, L. Obituário da Dra. Margarete Emmerich. Sociedade Botânica do Brasil. 2015. Disponível em: http://www.botanica.org.br/go_news.php?id=208. Acesso em: 05 abr.2017.
- STAUCUP, M. M. Plantas de uso medicinal ou ritual, numa feira livre no Rio de Janeiro, Brasil. 2000. 207 f. Dissertação (Mestrado em Botânica)- Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.